



Decisão da bancada representa derrota para os líderes Cardoso, Luiz Henrique, Sant'Anna e Covas

Bancada do PMDB nega cargos na mesa ao PFL

A bancada do PMDB recusou-se, ontem, a fazer qualquer concessão ao PFL na partilha dos cargos da mesa-diretora da Constituinte, desatendendo apelo veemente que lhe foi dirigido pelos líderes Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Henrique. O Governo também foi derrotado com essa decisão, uma vez que seu líder, deputado Carlos Sant'Anna, trabalhou ostensivamente pela concessão, pelo menos, da 1ª secretaria ao PFL.

Por 135 contra 74 votos, os peemedebistas decidiram não negociar a 1ª secretaria com o PFL. Em seguida, elegeram por 113 votos o deputado baiano Marcelo Cordeiro como candidato para disputar o cargo hoje, às 15 horas. Seu concorrente na bancada, José Tavares (PR) obteve 111 votos. A decisão significa que o PMDB ficará com a presidência, já ocupada por Ulysses Guimarães, e os cargos mais importantes, como a 1ª vice-

presidência e a 1ª secretaria.

CONVIVÊNCIA DIFÍCIL

Logo que se iniciou a reunião, os líderes Mário Covas (na Constituinte), Fernando Henrique Cardoso (no Senado) e Luiz Henrique (na Câmara) fizeram veemente apelo para que, em nome da boa convivência com o PFL, a bancada do PMDB, que estava sendo consultada, concordasse em fazer uma concessão àquele partido (insinuaram que poderia ser a 1ª secretaria, já que estava afastada a 1ª vice-presidência).

No plenário, trabalhavam ostensivamente a favor da concessão o líder do Governo, deputado Carlos Sant'Anna, o ex-líder, do PMDB, deputado Pimenta da Veiga, e o coordenador da bancada do Ceará, Expedito Machado. Apesar disso, dos 10 oradores que se revezaram na tribuna, só um deles defendeu a concessão — o deputado Cid Carvalho, do Maranhão.

Dava para sentir a irritação da maioria dos parlamentares presentes com o PFL, principalmente com declarações feitas, nos últimos dias, pelo deputado José Lourenço, líder da bancada daquele partido na Câmara. Mas, há queixas de muitos deputados, do PMDB diante da difícil convivência com o PFL em seus respectivos Estados.

Um dos coordenadores de bancadas do PMDB dizia que o PFL "quer sempre mais do que merece nas indicações para cargos no Governo Federal". Muitos previam ontem que a convivência entre os dois partidos promete se tornar extremamente difícil durante os trabalhos da Assembleia Constituinte.

Dos 10 oradores que se revezaram na tribuna, o baiano Marcelo Cordeiro, depois eleito candidato a 1ª secretaria, foi o mais explícito nas críticas ao PFL, onde identifica "interesses retrógrado". Mas, outros também se referiram às divergências dou-

trinárias e ideológicas entre os dois partidos a respeito da forma de sociedade que a Constituição deverá estabelecer.

Em seu discurso, o mais candente de todos, o deputado Marcelo Cordeiro, sempre contra qualquer nova concessão ao PFL, advertiu seus companheiros que já dá para pressentir "as labaredas do incêndio social que nos ameaçam e é também lá fora que nos ameaçam os eternos inimigos da liberdade e da democracia".

A decisão da bancada do PMDB em não fazer qualquer concessão ao PFL deve obrigar o líder Mário Covas a fazer novas consultas para dirimir pendências em torno do preenchimento de muitas posições. O deputado Bernardo Cabral, que disputa com Pimenta da Veiga o cargo de relator da Comissão de Sistematização já sugeriu ao líder do PMDB na Constituinte que submetesse a escolha à bancada do partido.

Líderes da Frente decidem boicotar votação

O PFL não participará da Mesa da Constituinte e não permanecerá em plenário durante a eleição que será realizada hoje. A decisão foi tomada pelos líderes do partido na Câmara, José Lourenço (BA), e no Senado, Carlos Chiarelli (RS), no início da noite de ontem, diante da deliberação da bancada do PMDB de não dar ao PFL a 1ª Secretaria:

— Temos como patamar básico a dignidade partidária. Não podemos transigir a ponto de o partido ficar aquém de sua representatividade —, explicou Chiarelli.

— A decisão da bancada poderá ter desdobramentos graves para a estabilidade das instituições —, afirmou José Lourenço.

Segundo o líder na Câmara, os líderes do PMDB empenharam-se num entendimento, mas a bancada radicalizou. O PMDB, na opinião de José Louren-

ço, não está agindo com maturidade, num momento em que, pelo quadro econômico, é necessário que os políticos tenham serenidade. O deputado disse ainda que o relacionamento dos líderes do PFL com os do PMDB será pautado por um diálogo permanente e lamentou que a bancada do PMDB não tenha interpretado o que, suas lideranças propunham.

Chiarelli destacou que o PFL foi até a exaustão no processo de negociação em torno da composição da Mesa e que o partido não pode ser acusado de sectarismo ou teimosia:

— Não temos mais nada a fazer —, afirmou. Eles que façam tudo.

— Com quem dialogar no PMDB? Essa pergunta do líder do PFL na Câmara, José Lourenço (BA), fez ontem, repetidas vezes, para deputados de seu partido que apoiaram sua decisão de não participar da Mesa

da Constituinte em represália à atitude de bancada do PMDB que se recusou a concordar ao PFL e 1ª Secretaria.

— O que o PMDB quer eu não sei. A bancada deles já desautorizou o presidente Ulysses Guimarães (SP). Fez o mesmo com o líder Luiz Henrique (SC) e agora rejeita a proposta de acordo que nos fez o senador Mário Covas (PMDB-SP), eleito líder na Constituinte —.

ATÔNITO

Lourenço chegou na manhã de ontem ao Congresso, muito satisfeito com o café da manhã com os senadores Mário Covas, Fernando Henrique Cardoso (SP) e Carlos Chiarelli (RS), os dois últimos, líderes do PMDB e do PFL no Senado. As divergências haviam sido ultrapassadas. O PFL desistia de disputar a 1ª Vice-Presidência.

cia, mas ocuparia a 1ª Secretaria em lugar da segunda.

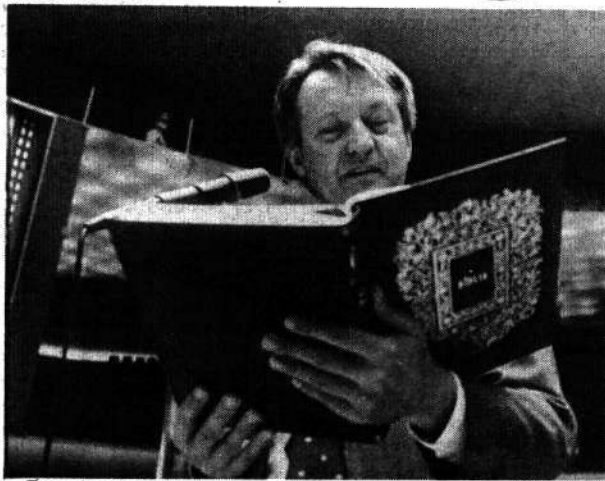
O acordo promovia a conciliação, defendida pelo presidente José Sarney. Nenhum dos dois partidos sairia com sua imagem prejudicada. O deputado Humberto Souto (MG), indicado para a 1ª Vice-Presidência, achava que o PFL estava se desmoralizando e não aceitaria disputar a 2ª Vice.

As 16h, Lourenço foi avisado formalmente de que não haveria acordo. A bancada do PMDB desautorizava a proposta do líder Mário Covas. Isto deixou-o surpreso, atônito. A partir desse momento o gabinete do líder do PFL passou a ficar repleto. Agitado, movimentando-se de um lado para outro, Lourenço perguntava no início de cada argumentação: "Com quem dialogar no PMDB?"

PLENÁRIO

Bíblia sela o regimento

GILBERTO ALVES



Faccioni mostra como Moisés nomeou auxiliares

reforma ministerial. Depois, Arnaldo Faria de Sá anunciou que na outra página estavam os Dez Mandamentos.

MINISTERIO

A parte o que dizia Moisés na página 82 da Bíblia da Constituinte (Exodos, capítulos 13 a 20, para quem quiser conferir), o deputado Luiz Henrique (PMDB/SC), que perdeu a liderança do partido na Assembleia para o senador Mário Covas (PMDB-SP), usou a tribuna ontem, no horário das lideranças, para assegurar a permanência de pelo menos um dos auxiliares de Sarney: o ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

Segundo Luiz Henrique, o chefe da política econômica não está demissionário nem o esteve sob tanta intensidade de conjuras, de articulações, no sentido de decretar a sua queda", disse, justificando o desmentido. Antes dele, Del Bosco

Amaral (PMDB-SP), se declarando sarneysista convicto, acusou parlamentares "que se dizem progressistas" de quererem desestabilizar o Governo. "Alguns já estão à beira do orgasmo do golpe", acrescentou.

"Ou o PMDB compatibiliza o seu discurso com a prática (no Governo) ou vai pelo mesmo caminho que a Arena e o PDS", respondeu de dentro do próprio partido o deputado gaúcho Nilso Squarezl. "E eu vejo o meu caminho", concluiu, após afirmar que o Governo não está sendo fiel ao programa do partido, "muitas vezes se manifestando com o entulho autoritário".

Mais à esquerda, Vladimir Palmeira (PT-RJ), disse que a oposição se negava a dar o "empurrãozinho" que, segundo ele, o Governo está pedindo. "O Governo Sarney não preci-

sa de nada para ser desestabilizado. E uma nau sem rumo. Se desestabiliza por si próprio", atacou, responsabilizando o Executivo federal pela avalanche de greves que toma conta do País. Na sua opinião, as reivindicações são justas e o Governo, ao invés de atendê-las, reprime os movimentos com medidas administrativas, demitindo e cortando ponto, ou policiais.

De gravata, o deputado Gumerindo Milhomem (PT-SP) desta vez estava devidamente trajado, para não ter seu microfone desligado ao discursar na mesma linha do seu colega carioca. Lembrou que "praticamente todas as categorias" de trabalhadores brasileiros estão em greve ou prestes a iniciá-la e que não vê iniciativas governamentais para atender às reivindicações. Destacou, ainda, que o presidente Sarney, nesse momento, se reúne com empresários, ao invés de ouvir os trabalhadores, e acusou o Governo de se curvar diante dos "grandes agiotes internacionais", apesar da suspensão do pagamento dos juros da dívida externa.

"Aonde anda o PMDB?", questionou Juarez Antunes (PT-RJ), enquanto José Genoíno (PT-SP) afirmava que "o Governo dos patrões tenta enfrentar a greve com a repressão". Para defender o Governo, não estavam em plenário nem os líderes dos dois partidos da Aliança Democrática, José Lourenço, pelo PFL, Mário Covas, pelo PMDB, nem o próprio líder do Governo, deputado Carlos Sant'Anna.

Numa página, a nomeação dos auxiliares de Moisés; na outra, os Dez Mandamentos. A coincidência, no momento em de uma reforma ministerial e de uma nova Constituição, se deu ontem no plenário da Assembleia Nacional Constituinte, quando o deputado Jorge Arbage (PDS-PA) abriu aleatoriamente, naquelas páginas, a Bíblia colocada sobre a mesa da presidência por força do artigo 46 do regimento interno.

A presença da Bíblia na mesa da Constituinte se tornou uma exigência a partir de ontem, quando o regimento definitivo finalmente passou a vigorar, graças a iniciativa do deputado Antônio de Jesus (PMDB/GO), pastor protestante que apresentou emenda nesse sentido acatada pelo relator Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP). A sessão, contudo, transcorreu sem a sua presença até às 16h40m, momento em que Antônio de Jesus subiu à tribuna e a entregou ao presidente dos trabalhos, deputado Arnaldo Faria de Sá (PTB/SP).

A Bíblia, doada pela Sociedade Bíblica Brasileira, foi colocada fechada sobre um suporte igual ao usado em sua mesa no Palácio do Planalto pelo presidente Sarney, mas Jorge Arbage resolveu abri-la, após beijá-la na capa. Só ao final da sessão, a coincidência foi revelada ao plenário, por partes. Primeiro, o deputado Victor Faccioni (PDS/RS) falou do capítulo referente à nomeação dos auxiliares de Moisés, traçando um paralelo com a